



Secretaria de Estado da Educação

# CLIPPING

23 de agosto 2012



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

**Veículo:** Zero Hora

**Editoria:** Educação

**Data:** 23/08/2012

**Assunto:** Opinião: Incertezas sobre a Educação

**Página:** Online

# ZERO HORA

## Opinião: Incertezas sobre a Educação

"Um novo Ensino Médio sem uma nova formação universitária não levará a escola a percorrer nenhuma trajetória que já não tenha sido experimentada. É hora de reinventar-se a Educação em todos os níveis", afirma Alexander Goulart

\*Alexander Goulart

A frustração diante dos resultados educacionais tem levado o Ministério da Educação, nas últimas semanas, a apontar para a necessidade de mudanças estruturais no sistema educacional. Propostas concretas estão sendo apresentadas, como melhorias no Enem e uma nova organização curricular, especialmente para o Ensino médio.

É sabido que os modos de ensinar e aprender têm passado por profundas transformações que exigem da instituição Escolar outro jeito de ser e fazer. Os movimentos de transformação não vêm apenas dos órgãos oficiais, mas ganham força nos apelos dos Professores e, sobretudo, na força que nasce do interior da sala de aula, ou seja, a expectativa dos estudantes por mudanças no currículo e nas metodologias de Ensino-aprendizagem.

A condição da cultura contemporânea é movediça, inconstante. Eis a dificuldade, não é possível normatizar o tempo e diariamente surgem situações desconhecidas que proliferam em meio a um panorama de incertezas. É o tempo da fragilidade, da debilidade do sujeito e das instituições. Diante desse panorama incerto, as propostas do Ministério da Educação oferecem uma resposta possível, especialmente na reorganização curricular não mais em disciplinas, mas em grandes áreas do conhecimento. Mas quem será o protagonista na implantação do novo modelo? O diretor da Escola? O pedagogo? O Professor? O estudante? Independentemente de quem lidere, é evidente que mesmo uma Educação que coloque o estudante no centro da aprendizagem não prescinde do Professor como mediador fundamental nesse processo.

A mediação do Educador junto aos seus educandos, auxiliando nas conexões entre aquilo que propõe o currículo e a aprendizagem vinculada com competências e habilidades necessárias para a vida real, o aqui e o agora, é peça-chave. Nessa perspectiva, antes de qualquer mudança estrutural no sistema educacional, como daremos conta de uma nova formação acadêmica aos Professores? Antes da Educação básica, ou pelo menos em paralelo, são os cursos superiores de formação de Professores que precisam de renovação. É lá que os currículos estão mais defasados e o conhecimento disperso. Um novo Ensino médio sem uma nova formação universitária não levará a Escola a percorrer nenhuma trajetória que já não tenha sido experimentada. É hora de reinventar-se a Educação em todos os níveis.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

<b>Veículo:</b> Correio Braziliense - DF	<b>Editoria:</b> Educação	<b>Data:</b> 23/08/12
<b>Assunto:</b> Editorial: Educação contra a desigualdade		<b>Página:</b> Online

# CORREIO BRAZILIENSE

## Editorial: Educação contra a desigualdade

"A única solução capaz de inaugurar um ciclo verdadeiramente virtuoso, a Educação padece de males históricos no País", afirma jornal.

Vinte milhões de brasileiros foram resgatados da pobreza nos últimos cinco anos. Mas, apesar do avanço na distribuição de renda, em toda a América Latina e no Caribe, o Brasil só não é socialmente mais injusto do que Guatemala, Honduras e Colômbia. Isso, numa região em que as cidades são as de maior taxa de desigualdade do planeta. Para aumentar a vergonha, quatro brasileiras, intercaladas pela capital colombiana, estão nos cinco primeiros lugares desse ranking. São elas: Goiânia, Fortaleza, Bogotá, Belo Horizonte e... Brasília. As informações são do Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (ONU-Habitat), que também traz notícia boa: há potencial para superar a pobreza. No caso do Brasil, ressalve-se que éramos campeões da desigualdade em 1990. O que não livra o governo da obrigatoriedade de levar a sério e analisar em detalhes o retrato feito pela ONU. Mesmo que alguns números do estudo estejam defasados — como afirmou ao Correio o chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, economista Marcelo Neri —, a imagem de um país injusto está escancarada em esquinas, praças e calçadas de nossas cidades.

Tanto que o encurtamento da distância entre ricos e pobres, em evolução há 12 anos, levou a presidente Dilma não a conformar-se, mas, ao contrário, a estabelecer como meta a erradicação da pobreza. E, se a crise internacional dificulta o desafio, também o torna mais urgente. Em primeiríssimo lugar, para garantir a sua sustentabilidade, qualidade do esforço nacional de combate à desigualdade que pode estar em risco. Afinal, programas como o Bolsa Família têm resultados limitados.

A única solução capaz de inaugurar um ciclo verdadeiramente virtuoso, a Educação padece de males históricos no país. Professores mal remunerados, desestimulados e, em regra, sem o devido preparo se somam a currículos pouco atraentes e a Escolas de infraestrutura precária, carentes de bibliotecas, laboratórios, computadores, redes de internet sem fio. Nem sequer entramos na era do Ensino em tempo integral, há décadas cobrado por nossos mais célebres Educadores, como Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro.

Não à toa, no ano passado, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) — que considera expectativa de vida, Escolaridade e renda per capita — do Brasil foi 0,718 ( numa escala de 0 a 1): apenas o 84º entre os de 187 países estudados pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud). É mais uma foto do atraso. Ainda mais se considerarmos que em 2010 o país atingiu seu mais baixo nível de desigualdade de renda em 50 anos.

O que pesa? A Educação. Hoje, só 27% dos brasileiros, segundo o Indicador do Alfabetismo Funcional (Inaf), são plenamente alfabetizados, mesma situação de 2001. A precariedade do Ensino aparece inclusive entre os de nível superior, universo em que 38% têm dificuldades para ler e escrever. Embora ruim, a Escolaridade faz a diferença na hora de definir os salários, podendo responder por cerca de 70% do valor. Portanto, o caminho indubitável é investir no Ensino de excelência.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

**Veículo:** Diário Catarinense

**Editoria:** Rafael Martini

**Data:** 23/08/2012

**Assunto:** Pacotaço

**Página:** 03

# DIÁRIO CATARINENSE

## PACOTAÇO

Eduardo Deschamps, secretário de Estado da Educação, está entusiasmado com o que classifica de pacotaço da Educação, que deve ser lançado até o final do ano. Só na recuperação de escolas, prevê investimento de R\$ 500 milhões nos próximos dois anos para restauração da estrutura física dos prédios.



As melhorias passam pelo modelo pedagógico, carreira do magistério e municipalização do ensino fundamental. Questionado sobre a nota que daria para as condições das escolas, foi rápido: as regiões Oeste, Norte e Vale levariam 6, mas na Grande Florianópolis e Sul seria 4. Ou seja, reprovado.



## SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

**Veículo:** A Notícia

**Editoria:** AN Joinville

**Data:** 23/08/2012

**Assunto:** Sinte faz denúncia ao MP

**Página:** 10

# ANOTÍCIA

# Sinte faz denúncia ao MP

FABRIZIO MOTTA, BD, 18/5/201

**Sindicato afirma que fechamento de turmas lotou salas. Gerência nega**

A regional de Joinville do Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Santa Catarina (Sinte) denunciou ao Ministério Público (MP) estadual o fechamento de três turmas de três escolas de Joinville e, em consequência, a superlotação de outras salas por causa do remanejamento dos alunos.

A Gerência Regional de Educação nega que haja superlotação. O MP abriu um procedimento para apurar a denúncia. Na última quinta-feira, o Sinte protocolou a representação no MP sobre o fechamento de turmas nas escolas estaduais Presidente Médici, Maestro Francisco Manuel da Silva e Arnaldo Moreira Douat, em Joinville.

“Foram os professores destas escolas que nos avisaram. O máximo permitido é de 30 alunos em cada sala. Em algumas, este número chegou a quase 40”, explicou a coordenadora regional do Sinte, Cla-

rice Erhardt. Outro problema, segundo a coordenadora, é que com o fechamento de turmas alguns professores perderam até seis horas-aula. “No fim do mês, isso vai comprometer a renda do professor. Quebrou todo o planejamento”, destacou a coordenadora.

A legislação estadual permite que turmas sejam fechadas se não há número suficiente de alunos – desde que outras turmas não ultrapassem o limite de 30 estudantes. De acordo com a gerente regional de Educação, Clarice Portella de Lima, a denúncia de que há superlotação de salas não se confirma. “É um sistema automático da Secretaria de Educação. Se passa o número de 30 alunos, automaticamente abre outra turma”, afirmou.

O promotor de justiça responsável pela Infância e Juventude, Sérgio Ricardo Joesting, recebeu a representação e já enviou ofício para a gerência solicitando as informações. “São duas coisas que vamos ter que analisar: o número de alunos e o tamanho da sala. Porque não dá para colocar 40 alunos em uma sala de 10 m<sup>2</sup>, por exemplo”, falou o promotor.



### VERIFICAÇÃO

Promotor quer saber número de alunos por turma e tamanho das salas